

DOCUMENTÁRIO

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATRAVÉS DOS TEXTOS.

(Edições críticas e comentadas).

IV. — O “ESMERALDO DE SITU ORBIS” DE DUARTE PACHECO PEREIRA.

3. — *O título.*

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O título da obra de Duarte Pacheco Pereira é composto pela palavra *Esmeraldo* e pela expressão *De Situ Orbis*. A compreensão da expressão *De Situ Orbis* não apresenta a mínima dificuldade. Todos os autores que abordaram o assunto foram unânimes em considerar que se trata do título da obra de Pompônio Mela. Outro tanto não poderemos dizer da primeira parte do título, a palavra *Esmeraldo*, sobre a decifração da qual mais de meia dúzia de teses foram até agora elaboradas sem que a unanimidade se tenha feito sobre nenhuma delas.

Começaremos pela exposição das teses apresentadas por Santos Ferreira (1), George H. T. Kimble (2), e José Dentinho (3), por nos parecer que em nada contribuem para a resolução do proble-

-
- (1). — Major Santos Ferreira e Antônio Ferreira Serpa: *Salvador Gonsalves Zarco — (Cristóbal Colón) — Os livros de D. Tiivisco*, 1930, págs. 44-47. Ver também, Arthur Lobo D'Ávila e Saul Santos Ferreira: *Cristóbal Colón— Salvador Gonsalves Zarco, Infante de Portugal*, Lisboa, 1939, págs. 52-56.
 - (2). — George H. T. Kimble: “*Esmeraldo de situ orbis*” by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, Introduction, págs. XVII-XVIII.
 - (3). — José Dentinho: “*Esmeraldo de situ orbis*” por Duarte Pacheco Pereira. Da significação de “*Esmeraldo*”, in *Diário de Lisboa*, 21 de julho de 1949.

ma, ainda que a dêste último tenha sido a que até agora reuniu adesões mais entusiásticas (4).

Santos Ferreira apresenta-nos, entre tôdas, a tese mais imprevisita, pois através de conjecturas que podemos classificar de delirantes, depois de nos dizer que Cristóbal Colón não existiu (!!!), pois “Cristóbal Colón era na realidade Salvador Gonçalves Zarco” (!!!), associa êste último à redação da obra de Duarte Pacheco Pereira!!! Para Santos Ferreira, Duarte Pacheco Pereira sabia hebraico (!!!...) e teria escrito as palavras hebraicas que corresponderiam a *com* ou *em companhia de Salvador da Madeira*. As letras das palavras hebraicas corresponderiam, lidas da direita para a esquerda, as letras E M S L O D R A E, tendo com elas formado facilmente Duarte Pacheco Pereira a palavra ESMERALDO, nome que antepôs ao título *De Situ Orbis* do seu livro (5).

George H. T. Kimble dá-nos a conhecer uma sugestão que lhe teria sido feita pelo Dr. George Sheppard e que lhe teria dado a solução do enigma: existiria uma analogia filológica entre a palavra *Esmeraldo* e a palavra espanhola *esmerado* que significaria *guia*. E, na verdade, o *Esmeraldo de situ orbis* é por excelência um guia para a navegação.

Foi em vão que procuramos nos dicionários de língua espanhola a palavra *esmerado* com a significação que lhe dão o Dr. George Sheppard e George H. T. Kimble. No *Primer Diccionario General Etimologico de la Lengua Española* (6) de D. Roque Bárcia, ou no *Diccionario de la Lengua Española* da Real Academia Española (7),

- (4). — Ocupámo-nos da significação do título da obra de Duarte Pacheco nos seguintes artigos: *A decifração de um enigma: o título “Esmeraldo de situ orbis”*, in *Diário de Lisboa*, Suplemento Semanal, “Vida Literária e Artística”, Lisboa, 23 de maio de 1963; com êste mesmo título êste artigo foi reproduzido no *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume IV, nº 4, outubro-dezembro de 1963; ainda com êste mesmo título, mas com mais amplo desenvolvimento, ver a *Revista de História*, nº 58, São Paulo, abril-junho de 1964. As duas primeiras versões constituíram ainda a primeira parte do artigo *Esmeraldo de situ orbis* do *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Volume II, Lisboa, 1964. — Quando da publicação da primeira versão no *Diário de Lisboa*, o Professor José Dentinho publicou neste mesmo *Diário* duas notas sobre o assunto (6-VI-63 e 27-VI-63). Não lhe respondemos então por nos parecer que as referidas notas nada alteravam ao meu artigo e às minhas conclusões, tendo-se limitado o Prof. José Dentinho a expor de novo e de maneira abreviada a sua tese. Continuamos, passados cinco anos, pensando da mesma maneira, fato êste que nunca alterou nem altera a profunda estima e admiração que temos pela personalidade do Professor José Dentinho.
- (5). — A tese de Santos Ferreira é exposta e criticada por Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, Volume II, Lisboa, 1935, págs. 106-107.
- (6). — D. Roque Bárcia: *Primer Diccionario General Etimologico de la Lengua Española*, Volume II, Madrid, 1881.
- (7). — Real Academia Española: *Diccionario de La Lengua Española*, Madrid, Decima Quinta Edición, 1925.

lemos: *Esmerado, da. Adjectivo. Lo echo y ejecutado con esmero.* Em *esmero*, lemos: *Esmero. Masculino. Sumo cuidado y atencion diligente en hacer las cosas con perfeccion.* Se quisermos admitir, por absurdo, a existência de uma gralha na impressão da obra de George H. T. Kimble, e admitindo que no lugar de *esmerado* se deveria ler *esmeraldo*, ainda assim a tese de George H. T. Kimble não se torna mais compreensível, pois verificamos que o substantivo *esmeraldo* não existe na língua espanhola no masculino. Existe sim, o nome próprio *Esmeraldo*, ou então o substantivo feminino: *Esmeralda. Feminino. Piedra preciosa transparente, formada de cuarzo verde.* Em conclusão: a explicação de George H. T. Kimble deve ser posta de lado porque se funda num sentido errôneo da palavra espanhola *esmerado* (8).

Para José Dentinho, Duarte Pacheco Pereira propôs-se estudar o mar ao longo da costa, a natureza dos fundos, as marés, etc. Ora sendo a *Esmeralda* uma pedra preciosa, côr verde-mar, a palavra *Esmeraldo* é empregada em vez de *marítimo*, para tudo o que diz respeito ao mar. Havendo no *orbis* (globo terrestre) vários *situs* (lugares), de que *situs* se propõe tratar Duarte Pacheco Pereira? Se *Esmeraldo* fôsse um substantivo, nada esclareceria. A expressão ficaria mesmo incompleta, se *Esmeraldo* não qualificasse justamente *situ*, indicando a que *situs* o autor se refere. Não querendo modificar o título latino da obra, Duarte Pacheco Pereira latinizou muito simplesmente e muito corretamente a palavra portuguesa *esmeralda* em *Esmeraldus*, não como substantivo, mas como adjetivo. Para José Dentinho trata-se de um caso normal de latinização. O *Esmeraldo de situ orbis* (com a preposição intercalada, o que é frequente em latim) significa muito simplesmente: àcerca do lugar verde-mar do orbe, ou àcerca do mar do globo terrestre.

Na nossa opinião a explicação de José Dentinho levanta uma só dificuldade, mas esta parece-nos que intransponível: a não existência da palavra *Esmeraldus* em latim. Com efeito, a palavra latina *Smaragdus* daria quando muito *Smaragdo* e nunca *Esmeraldo* (9).

(8). — Justino Mendes de Almeida ("*Principio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*", in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 82ª*, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195) refere-se à tese de George H. T. Kimble, não a aceitando como válida.

(9). — Vieira de Almeida (*Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 92-93), Damião Peres (*Anotações Históricas à edição do Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Peretra da Academia Portuguesa da História*, Lisboa, 1954-1955, págs. 211-212), e Vitorino Magalhães Godinho (*Fontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Saara e Guiné*, in *Revista de História*, São Paulo, n.º 13, janeiro-março de 1953, pág. 64), referem-se à tese de José Dentinho. Vieira de Almeida limita-se a exprimir a opinião de que a tese em questão é particularmente sugestiva. Damião Peres expõe a tese de José Dentinho sem o menor comentário. Finalmente, Vitorino Magalhães Godinho aceita-a sem restrições: o *Esmeraldo de situ orbis*, ou melhor, o *de situ esmeraldo orbis* — do lugar verde, ou marítimo

Restam-nos finalmente, Pedro de Azevedo (10), Epiphany da Silva Dias (11), Luciano Pereira da Silva (12), Lindolfo Gomes (13), autor de duas teses, uma das quais tem, acrescentando-lhe algo mais, o nosso favor, e finalmente a última em data, de Justino Mendes de Almeida (14). Façamos entretanto um breve parêntese para nos inteirarmos da tese de Lindolfo Gomes que não tem o nosso favor.

Na segunda parte de um artigo onde é muito menos feliz do que na primeira, Lindolfo Gomes é o único autor que exprime a opinião segundo a qual *Esmeraldo* seria uma expressão e não uma palavra. Segundo Lindolfo Gomes, na palavra *esmeraldo* sem nenhuma transposição de caracteres, poderíamos ler a frase *es (ex) -m'eraldo*, isto é, *eis-me heraldo (pregoeiro)*. *Ex* era a forma arcaica de *eis* (V. *Dic. da Antiga Linguagem Portuguesa*, de Brunswick, p. 123). *Ex* podia-se representar por *es*, tendo em vista a pronún-

do orbe, segundo a feliz interpretação que o Dr. José Dentinho dá de um enigma que resistiu longos anos aos mais penetrantes investigadores. São bem significativas desta preferência de Vitorino Magalhães Godinho as duas referências que recentemente fez à tese de José Dentinho: *História dos Descobrimientos* de Duarte Leite, Lisboa, 1959, Vol. I, pág. 490; e, *A Economia dos Descobrimientos Henriquinos*, Lisboa, 1962, pág. 162. Também Raymond Mauny (*Esmeraldo de situ orbis — Côte occidentale d'Afrique du Sud Marocain au Gabon — par Duarte Pacheco Pereira — vers 1506-1508* —, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1956, pág. 8) se refere à tese de José Dentinho julgando-a relativamente satisfatória, mas considerando que não se pode considerar que ela resolva o problema. Mais recentemente também Justino Mendes de Almeida (*Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195) se refere à tese de José Dentinho não a aceitando como válida.

- (10). — Pedro de Azevedo: O significado do “*Esmeraldo de situ orbis*”, no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, Volume XIX, 1925, págs. XXI-XXVI.
- (11). — Epiphany da Silva Dias: “*Esmeraldo de situ orbis*” por Duarte Pacheco Pereira, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904, Introdução, págs. 181-182. Esta edição do *Esmeraldo* foi publicada em livro, em 1905; ver sobre este assunto págs. 4-5.
- (12). — Luciano Pereira da Silva: O “*Esmeraldo*” de Duarte Pacheco — *Razão deste título*, nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Vol. I, Lisboa, 1920. Este estudo voltou a ser publicação integrada em trabalho mais geral: *Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Volume I, Porto, 1921. Ambos foram ainda publicados nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Volume II, Lisboa, 1945.
- (13). — Lindolfo Gomes: O “*Esmeraldo*” de Duarte Pacheco, no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1937, ou nas *Publicações do Congresso do Mundo Português*, Vol. XI, Tomo III, 2ª secção, 2ª parte, Lisboa, 1940, pgs. 357-360. Após a primeira publicação no *Jornal do Brasil*, Agostinho de Campos expôs e comentou as teses de Lindolfo Gomes no seu *Glossário (de incertezas, novidades, curiosidades da lingua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita actual)*, Lisboa, 1938, págs. 120-122.
- (14). — Justino Mendes de Almeida: “*Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*”, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195.

cia português, como em *ex-presidente*. Quanto a *Arauto e heraldo*, são palavras registradas no *Nôvo Dicionário* de Cândido de Figueiredo. *Heraldo* sem *h* era da escrita da época. Desta maneira, *Esmeraldo de situ orbis* significaria: *Eis-me (Pacheco) pregoeiro do que existe no mundo desconhecido*.

Agostinho de Campos (15) critica a hipótese de Lindolfo Gomes afirmando que nunca em português se pronunciou *esmeraldo* como se escrevessemos *êsmeraldo* ou *eismeraldo*, pois a pronúncia português é *ismeraldo*. A idéia de Lindolfo Gomes em ler *eis-me eraldo* em *esmeraldo* corresponderia muito mais justamente à pronúncia brasileira do que à pronúncia português.

A crítica de Agostinho de Campos não nos parece tão convincente quanto à primeira vista possa parecer, pois não está de modo algum excluída a hipótese de que a pronúncia brasileira atual não seja a do português do século XVI, e assim *êsmeraldo* ou *eismeraldo* poderia muito bem ter sido a fonética do português de Portugal nos tempos de Duarte Pacheco Pereira. A razão porque não aceitamos esta hipótese de Lindolfo Gomes está apenas no fato de a considerarmos demasiado engenhosa, demasiado complicada, sobretudo se tivermos em conta a explicação simples, direta a que chegaremos nas próximas páginas, ainda com o precioso auxílio do mesmo Lindolfo Gomes (16).

Vejamos agora as teses de Luciano Pereira da Silva, Pedro de Azevedo, Epiphanyo da Silva Dias, e Justino Mendes de Almeida; e finalmente a de Lindolfo Gomes e o algo mais que a esta falta.

Para Luciano Pereira da Silva a palavra *Esmeraldo* é um anagrama formado pelas letras de dois nomes: o do rei, *Manuel*, a quem a obra é dedicada, e o do autor do livro, *Duarte*. Para satisfazer às necessidades do anagrama, Luciano Pereira da Silva lembra-nos que existiam na língua português duas outras formas para *Duarte*: *Duardos* e *Eduardo*, e ainda a forma latinizada, *Eduardus*. Por sua vez, *Manuel* tomaria a forma *Emmanuel*. E nada mais havia a fazer do que formar o anagrama *Esmeraldus* com as letras de *Emmanuel* e de *Eduardus*. Sendo a obra escrita em português nada mais natural que Duarte Pacheco Pereira escrevesse *Esmeraldo*, em vez de *Esmeraldus*, como se escreveria *Eduardo* em vez de *Eduardus*. Assim, *Esmeraldo de situ orbis* significaria, segundo Luciano Pereira da Silva, o nôvo tratado *De Situ Orbis* — do orbe desconhecido dos geógra-

(15). — Ver o *Glossário* de Agostinho de Campos citado em nota anterior.

(16). — Ferdinand Denis (*Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Netto*, pág. 51) chamou à obra de Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo do mar, de situ orbis*. Armando Cortesão (*Cartografia e Cartografos Portuguezes dos Séculos XV e XVI — Contribuição para um estudo completo* — Volume II, Lisboa, 1935, págs. 106-107) comenta desfavoravelmente esta liberdade de Ferdinand Denis.

fos antigos — escrito pelo português Duarte e dedicado a Manuel, o rei de Portugal.

A tese de Luciano Pereira da Silva é indefensável, pois as letras que compõem os dois nomes, o do rei e o do autor da obra, são demasiado numerosas para formar a palavra do título: sobram nada menos que sete letras. No entanto, parece-nos admirável a intuição de Luciano Pereira da Silva quando afirma que o nome do autor do *Esmeraldo de situ orbis* se incluía no título. Veremos até que ponto assim é ao expormos a tese de Lindolfo Gomes e o algo mais que a esta falta (17).

Segundo Pedro de Azevedo, *Esmeraldo* era um nome italiano que se teria divulgado na ilha da Madeira no século XVI. Lembra-nos Pedro de Azevedo *Santo Esmeraldo* martirizado em 303, e *Smaragdo* ou *Smaraldo*, exarca da Itália em 585 e 602. Também entre os manuscritos visigóticos recolhidos pelo Padre Garcia Villada na *Paleografia Española* se podem ver três manuscritos relativos a comentários sobre a regra de São Benedito cujo autor é um *Smaragdus*. Por outro lado — sempre segundo Pedro de Azevedo — sabemos que o dito *Smaragdus de Ardón*, morto em 830, escreveu uma *explicitatio in evangelia et epistolas*, uma *via regia* para um príncipe da casa de França, e um comentário sobre a *ars Donati*. A especialidade de *Smaragdus* consistia pois nas explicações e comentários. Daí a razão do título do *Esmeraldo*, segundo Pedro de Azevedo: o livro de Duarte Pacheco Pereira seria um comentário e uma explicação do Mundo, não no sentido que lhe dá Pompônio Mela, mas no sentido do Orbe tal como o conheciam os portugueses do início do século XVI.

Pedro de Azevedo tem para nós o mérito — veremos porquê um pouco mais adiante — de se ter lembrado do célebre *Esmeraldo* da ilha da Madeira que êle diz ser um nome italiano, genovês na ori-

(17). — Pode ver-se a exposição, e nalguns casos a crítica, da tese de Luciano Pereira da Silva, nas seguintes obras: Robert Ricard, *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIe siècle d'après les instructions nautiques portugaises*, in *Hespéris*, Paris, 1927, 2e Trimestre, pág. 227; Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, Volume II, Lisboa, 1935, págs. 106-107; George H. T. Kimble, "*Esmeraldo de situ orbis*" by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, págs. XVII-XVIII; Vieira de Almeida, *Decadência do Império Português no Oriente*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300; Vieira de Almeida, *Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 89-93; José Dentinho, "*Esmeraldo de situ orbis*" por Duarte Pacheco Pereira. *Da significação de Esmeraldo*, no *Diário de Lisboa* de 21 de julho de 1949; Damião Peres, *Anotações Históricas à edição do Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira* da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1954-1955, págs. 209-212; Justino Mendes de Almeida, "*Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feito e Composto por Duarte Pacheco...*", no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195.

gem segundo Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* (18). Em tôdas as demais conjecturas e na própria conclusão, a sua tese parece-nos que em nada contribui para a solução do enigma (19).

Para Epiphanio da Silva Dias, cuja tese é apresentada a título de hipótese, a explicação poderia estar no título do trabalho de geografia e de história natural de um escritor árabe da primeira metade do século XIV, ibn-al-Wardi, obra muito conhecida no seu tempo, e que se intitulava *Pedra preciosa das maravilhas e Pérola das coisas memoráveis*. Epiphanio da Silva Dias não considera como coisa impossível que Duarte Pacheco Pereira tenha dado à sua obra geográfica o nome de uma pedra preciosa, a *esmeralda*, empregando a palavra, não com a terminação português ou castelhana, mas com a terminação italiana *smeraldo* (20).

- (18). — *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Frutuoso (História das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens)*, Manuscripto do Século XVI anotado por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, 1873; ver referências a João Esmeraldo nas págs. 85, 95, 171, 173, 197 e 225. O autor desta edição, Alvaro Rodrigues de Azevedo, em nota da pág. 521, afirma que João ou Joaquin Esmeraldo não era genovês, como diz Gaspar Frutuoso, mas sim flamengo, tendo chegado à Ilha da Madeira em 1480. — Na Grande Enciclopédia Portuguêsa e Brasileira (Lisboa-Rio de Janeiro), lemos: “Esmeraldo” Geneal. Provém esta família de França, da provincia do Artois. No reinado de D. Manuel I passou a Portugal João Esmeraldo, que foi fidalgo da sua casa e morou na Ilha da Madeira. Em 1508 se lhe passou, em Malines, carta de brasão de armas, que apresentou em Portugal, as quais lhe foram confirmadas por carta datada de Évora, 16-V-1520. Provou, para tal fim, descender dos Esmeraldos, dos de Levargua, da casa de Fimes e dos senhores de Norduchel, linhagens antigas e nobres da Picardia, Flandres e Brabante. Este João Esmeraldo, chamado o Velho, para se distinguir de um filho de nome igual, casou-se com Águeda de Abreu, instituindo ambos, em 1522, o morgado dos Esmeraldos, no Funchal, que êle acrescentou em 1527. A sua descendência conservou-se nas ilhas, vivendo distintamente...”. Ainda nesta mesma Enciclopédia, lemos: “Esmeraldo (João). Nobre francês que vivia na Ilha da Madeira no século XV, ali tendo adquirido fartos terrenos a Rui Gonçalves da Cunha. Recebeu Cristovão Colombo, quando este foi à Madeira”.
- (19). — A tese de Pedro de Azevedo é exposta por Damião Peres, nas *Anotações Históricas* à edição do *Esmeraldo de situ orbis* da Academia Portuguêsa da História, Lisboa, 1954-1955, págs. 210-211; e também por Justino Mendes de Almeida, *Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195.
- (20). — Pode ver-se a exposição e a crítica da tese de Epiphanio da Silva Dias, nas seguintes obras: Vieira de Almeida, *Decadência do Império Português no Oriente*, na *História da Expansão Portuguêsa no Mundo*, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300; Vieira de Almeida, *Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 89-93; George H. T. Kimble, “*Esmeraldo de situ orbis*” by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, págs. XVII-XVIII; José Dentinho, “*Esmeraldo de situ orbis*” por Duarte Pacheco Pereira. Da significação de *Esmeraldo*, no *Diário de Lisboa* de 21 de julho de 1949; Raymond Mauny, *Esmeraldo de situ orbis — Côte occidentale d’Afrique du Sud Marocain au Gabon — par Duarte Pacheco Pereira — vers 1506-1508* —, Centro de Estudos da Guiné Portuguêsa, Bissau, 1956, pág. 8; Justino Mendes de Almeida: *Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195.

Justino Mendes de Almeida aceita a tese de Epiphanio da Silva Dias, procurando apenas completá-la. Algo falta à tese de Epiphanio. Ela só não é totalmente convincente na parte final, isto é, na ausência de explicação para o emprêgo por Duarte Pacheco da forma masculina, *Esmeraldo*. Ora para Justino Mendes de Almeida a forma *esmeraldo* é morfológica e semânticamente equiivalente a *esmeralda*. Mostra depois que, tanto a forma grega como a latina (da palavra *esmeralda*) eram indistintamente usadas como masculinas ou femininas. Cita para o grego a forma feminina em Platão, Teofrasto, Estrabão, Nono de Panápolis, Heliodoro de Êmeso, Filóstrato, Heródoto; e a forma masculina nos *Orphica (Líticos)*, poema sôbre as pedras preciosas, atribuído a Orfeu. Cita para o latim, indistintamente masculino ou feminino em Varrão, Sêneca, Plínio, Ovídio, Lucrécio...

E diz Justino Mendes de Almeida que a mesma coisa se passa com vocábulos congêneres, em grego e em latim, e também em português. E assim lembra-nos as palavras *safira* ou *safiro*; *ametista*, *ametisto* e *ametiste*; *opala* e *ópalo*... E a partir daqui conclui “que nada impede, antes aconselha, que, a par da forma corrente *esmeralda* exista na língua portuguesa a variante *esmeraldo* para designar também *uma pedra preciosa*”.

Quanto à escolha da *esmeralda*, como a pedra preciosa que Pacheco preferiu para o título do seu livro, Justino Mendes de Almeida justifica-a pela sua côr, verde, que evoca o *mar*, raciocínio, neste ponto — acrescentamos nós —, próximo daquele sugerido por José Dentinho.

E conclui a exposição, dizendo:

“No título da obra de Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, a palavra *esmeraldo*, forma portuguesa masculina perfeitamente autorizada a par da feminina *esmeralda*, designa uma pedra preciosa de côr verde-marinho com a qual o autor reivindicava para o seu livro supremacia sôbre os escritores que se tinham ocupado *de situ orbis* ou seja *do sito do orbe* (*Esm.* I, 2). A concordância com a forma masculina não seria alheia a ligação do título à palavra *livro*, expressa ou implícita, como se vê do *prólogo*: ... *neste livro será escrito ho qual Esmeraldo DE SITU ORBIS será chamado...*”.

Que pensar desta complementação à tese de Epiphanio? Justino Mendes de Almeida cita exemplos em grego e em latim que nos dão a pedra preciosa, *esmeralda*, indiferentemente masculina e feminina. Cita exemplos doutras pedras preciosas — *safira*, *ametista*, *opala* —, que na língua portuguesa têm as duas formas, masculina e feminina. Mas o que Justino Mendes de Almeida não nos cita — e

isto seria decisivo —, é um único exemplo da pedra preciosa *esmeralda* aparecer na língua portuguesa indiferentemente nas duas formas, masculina e feminina. Esta a razão porque não estamos convencidos da validade desta complementação à tese de Epiphanio.

Deixemos Justino Mendes de Almeida e voltemos à explicação avançada em termos de hipótese por Epiphanio da Silva Dias. Não a aceitamos como suficiente, mas consideramos com Lindolfo Gomes, que ela talvez contenha uma parcela da verdade. Duarte Pacheco Pereira, como Ibn-al-Wardi e muitos outros — Justino Mendes de Almeida dá-nos alguns outros exemplos —, teria sido seduzido pela idéia de ligar o título da sua obra a uma pedra preciosa, que para o seu caso foi a *esmeralda*. E porquê a *esmeralda*? Lindolfo Gomes esclarece-nos quando diz que a *esmeralda* (em italiano *smeraldo*) na Índia diz-se *pachec*, como se pode ver nos *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* de Garcia de Orta:

“*Esmeralda* em pérsio e em língua desta terra (Índia) se chama *pachec*...” (21).

Assim, segundo Lindolfo Gomes,

“tendo viajado pela Índia, Duarte Pacheco não poderia desconhecer que a *esmeralda* naquela região se denominava *pachec*” (22).

Duarte Pacheco teria preferido a forma italiana por causa da terminação em *o*, letra pela qual acabam em geral, na língua portuguesa, todos os nomes masculinos, e em particular o seu próprio nome, Pacheco.

Esta explicação de Lindolfo Gomes impõe-se, quanto a nós, pela sua simplicidade (23). Mas algo lhe falta. Em nossa opinião

-
- (21). — Garcia de Orta: *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, edição publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Lisboa, 1891, pág. 220. Lindolfo Gomes cita este texto dos *Colóquios* pela edição de Varnhagen, f. 167v.
- (22). — Na verdade, Duarte Pacheco Pereira, acompanha Afonso de Albuquerque e Francisco de Albuquerque à Índia em 1503, onde permanece dois anos, regressando a Portugal em 20 de junho ou 20 de julho de 1505. E' logo à chegada da Índia, muito provavelmente em agosto, que Duarte Pacheco Pereira começa a redação da sua obra.
- (23). — Os únicos autores que se referem a esta tese de Lindolfo Gomes são Agostinho de Campos (*Glossário — de incertezas, novidades, curiosidades da lingua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita actual*, Lisboa, 1938, págs. 119-122), Vieira de Almeida (*Decadência do Império Português no Oriente, na História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, 1939, Volume II, págs. 299-300, e *Homens da Índia de Quinhentos*, Lisboa, 1955, págs. 89-93), e Justino Mendes de Almeida (*Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82ª, n.ºs 4-6, abril-junho de 1964, págs. 187-195). Para Agostinho de Campos o erudito bra-

falta explicar de maneira válida a preferência de Duarte Pacheco Pereira pela forma italiana. Já Epiphânio da Silva Dias, depois Pedro de Azevedo, e agora Lindolfo Gomes, tropeçaram com a forma italiana *esmeraldo*. Consideramos mesmo significativo o fato de vários autores terem esbarrado com a mesma dificuldade. Porque se teria lembrado Duarte Pacheco Pereira da forma italiana? Talvez estejamos em situação de o explicar se acrescentarmos a tudo o que foi dito, o seguinte: 1). — sabemos que as fontes mais utilizadas por Duarte Pacheco Pereira na sua obra são o *De Situ Orbis* de Pompônio Mela e a *História Natural* de Plínio; 2). — sabemos que o último livro da *História Natural* de Plínio, o Livro XXXVII, tem vários capítulos dedicados às *esmeraldas*, pedras preciosas; 3). — sabemos que Duarte Pacheco Pereira leu, e utilizou na redação da sua obra, a *História Natural* de Plínio na tradução italiana de Christophoro Landino, publicada em Veneza em 1476 e 1481 (24), sendo freqüentíssimos nesta tradução italiana, nos capítulos referentes às *esmeraldas* (Livro XXXVII, Capítulos VI e VII), os empregos da forma italiana *esmeraldo*. Vejamos a título de exemplo, os seguintes passos:

sileiro teria encontrado a solução definitiva para o velho enigma. Vieira de Almeida é particularmente impressionado pela tese de Lindolfo Gomes, ainda que hesite entre esta e a de José Dentinho. Justino Mendes de Almeida não aceita a tese de Lindolfo Gomes.

- (24). — *Historia Naturale di G. Plinio Secondo, tradotta di lingua latina in fiorentina per Christophoro Landino Fiorentino al Serenissimo Ferdinando Re di Napoli*, Venetiis, 1476; *Naturale historia di G. Plinio Secondo, tradotta in lingua fiorentina per Christophoro Landino*, Venetiis, 1481. Ver, além de no presente trabalho, a demonstração de que Duarte Pacheco Pereira se serviu desta tradução italiana da obra de Plínio na redação do seu *Esmeraldo de situ orbis*, nos nossos seguintes estudos: *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de situ orbis"*, Coleção da "Revista de História", São Paulo, 1968; "*Esmeraldo de situ orbis*" de Duarte Pacheco Pereira (*Édition critique et commentée*), no prelo. Também já a este assunto nos referimos nas seguintes publicações: *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira existente na Biblioteca da Ajuda, no Diário de Lisboa* de 17 e 19 de julho de 1961; *Um inédito de Duarte Pacheco Pereira, no Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Fundação Calouste Gulbenkian, Volume II, nº 4, Lisboa, outubro-dezembro de 1961; "*Esmeraldo de situ orbis*" de Duarte Pacheco Pereira (*Édition critique et commentée*), in *Positions des Thèses ... soutenues devant la Faculté et Sciences Humaines de Paris, P.U.F., Paris*, 1962; *Esmeraldo de situ orbis*, no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão, Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1963; *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no "Esmeraldo de situ orbis"* (*Breve apontamento*), in *Publicaciones del Curso Hispano-Portugues de Orense*, 1963. — Quando dizemos que o Livro XXXVII da obra de Plínio contém vários capítulos dedicados às *esmeraldas*, referimo-nos às edições modernas, como a de Littré (*Histoire Naturelle... avec la traduction en français* par M. E. Littré, 2 Volumes, Paris, 1848-1850), onde se podem ver, pelo menos, quatro capítulos sobre o assunto: Capítulos 16, 17, 18, 19. Nas edições antigas, sejam latinas, sejam as italianas de Landino, a divisão da obra em capítulos é completamente diferente, e por isso só dois capítulos, o VI e VII do Livro XXXVII, se ocupam do assunto.

“Nerone vedeva le battaglie de gladiatori in uno *smeraldo*”.

“Et dicono che ... a un lione di marmo furone facti gli occhi *di smeraldo*”.

“Scrive Juba che lo *smeraldo* el quale chiamano Colan si lega in Arabia ne gli ornamenti degli edificii a la pietra la quale in Egypto e chiamata Alabastrite”.

“Uno *smeraldo* lungo quattro gomiti & largo tre”.

El Colosseo Serapi di *smeraldo* di nove gomiti”.

“La somma del colore e composta daria & di purpura & mancavi el verde dello *smeraldo*” (25).

As duas fontes mais utilizadas por Duarte Pacheco Pereira na redação da sua obra estão assim na origem do seu título. O *Esmeraldo de situ orbis* é pois o *De Situ Orbis* de Pacheco, o *De Situ Orbis* dos tempos modernos, destinado a substituir o *De Situ Orbis* da Antigüidade, o *De Situ Orbis* de Pompônio Mela.

(25). — São nossos os sublinhados da palavra *smeraldo*.